DOI: 10.20396/revpibic2720192359

A mulher como malária: uma leitura da figura feminina em "Sarapalha"

Caroline Pontes Ramos*
Felipe Bier

Resumo
A pesquisa propõe um estudo analítico da representação do feminino como ser maligno e devastador na trama construída pelo autor João Guimarães Rosa em "Sarapalha". Para cumprir esse propósito, duas questões serão norteadoras: a primeira indaga sob que pretexto e em que contexto a personagem feminina que renuncia seu casamento é significada, pelo marido deixado, como malária, doença mortal no enredo; a segunda pretende investigar se o adultério e a separação apresentam implicações sociais controversas apenas para as mulheres do universo rosiano. A partir das problematizações angariadas através das lentes de noções de gênero, da condição feminina e das consequências do desejo da mulher, espera-se criar subsídios para contribuir aos que se ocupam a questionar e compreender as representações do feminino no mundo patriarcal e coronelista.

Palavras-chave: *feminino, representação, João Guimarães Rosa.*

Introdução

Os universos sertanejos criados por João Guimarães Rosa são imperativamente constituídos de personagens masculinas. Observa-se que parte delas ocupa posição socioeconômica privilegiada, que lhe permite reger e preservar a estrutura coronelista e patriarcal do sertão e, como consequência, suprimir a autonomia feminina. Embora relegadas aos deveres sociais relativos ao matrimônio e ao lar, as mulheres rosianas apresentam-se como infratoras das leis coronelistas para atuar na sociedade como sujeitos, segundo suas vontades individuais. Conto representativo desse embate entre gêneros, “Sarapalha”, da obra *Sagarana* (1946), explora a renúncia feita por Luísa ao casamento arranjado com o proprietário de terra Ribeiro e a associação simbólica dessa personagem feminina à malária, moléstia fatal e de conotação perversa na história. Sobre as bases dessas considerações iniciais, a pesquisa interessa-se em examinar os discursos presentes em “Sarapalha” e, à título de comparação, em outras produções literárias do autor, de modo a responder às seguintes questões: devido a quais motivos a figura feminina que pratica o adultério ou dissolve o matrimônio é representada nesses contextos? Há representações equivalentes para o gênero masculino?

Resultados e Discussão

As reflexões desenvolvidas durante a análise crítica de “Sarapalha” conduziram à constatação da existência de uma relação de perigo e dissolução à ordem social sertaneja provocada pela personagem Luísa. A infidelidade e o abandono do matrimônio, por parte da então esposa de Ribeiro, que, por sua vez, era chefe da sociedade conjugal, não somente ameaça a autoridade masculina, como dificulta o nascimento de herdeiros para a perpetuação da propriedade privada do fazendeiro Ribeiro. O comportamento transgressor de Luísa, que se supõe propiciado pela decadência do sistema coronelista e das incipientes transformações sociais à altura da publicação de *Sagarana* (2016[1949])[1], faz superar a existência simplificada, ou a *imanência* feminina referida por Beauvoir (2016), e torna possível que a mulher alcance a *transcendência*, sua liberdade de ação como sujeito. Todavia, nota-se que o abalo na estrutura coronelista resulta em uma punição simbólica à mulher: Luísa é equiparada como um ser tão pernicioso quanto a moléstia maleita, causa da dizimação do vilarejo em que ela morava antes do fim do casamento com Ribeiro. Comparativamente a um segundo caso de rompimento matrimonial entre um casal dos gêneros masculino e feminino na literatura rosiana, especificamente em “Buriti”, novela que integra *Corpo de Baile* (1956), não foi constatada uma representação depreciativa do sujeito masculino adultero e que provoca a separação conjugal. Homem e filho de latifundiário, a personagem Irvino evidencia sua posição privilegiada no tecido social sertanejo ao preservar íntegra sua imagem após separar-se de Leandra. A ausência de uma representação danosa ocorre devido ao homem não quebrar regras de conduta estabelecidas para seu gênero. Torna-se, portanto, contundente a problemática da punição simbólica à mulher que não integra uma estrutura familiar tradicional.

Conclusões

O estudo permitiu concluir que a perspectiva patológica presente na metáfora da *mulher como moléstia*, em “Sarapalha”, pretende uma relação entre *feminino* e *mal* que significa senão uma reação contrária à autonomia da mulher insubmissa. Contudo, este tipo de estudo não se encontra finalizado. Pretende-se que o presente caso colabore não somente para o aprofundamento de investigações sobre a significação da mulher nos contextos fundamentalmente patriarcais, mas também instigue futuras reflexões a respeito das problemáticas de gênero em situações de separação conjugal.

Agradecimentos

A realização da pesquisa somente foi possível a partir do financiamento do CNPq e do Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp, da orientação valiosa e esclarecedora do Prof. Dr. Felipe Bier, do incondicional amparo da minha família, do meu companheiro de vida e dos meus estimados amigos. A todas e a todos dedico o meu mais sincero agradecimento.

[1] Beauvoir, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016[1949]. 936 p.

(cc) BY-NC-ND